

RDP – Antena 2

Programa: “O Véu Diáfano”

Comunicação sobre:

“Granados: Goyescas (1915)”

Quinta-feira, 19/05/2011, 23h00

Quinta-feira, 26/05/2011, 13h00

Duração comunicação: 60 minutos

Resumo:

Após o sucesso das suas **Goyescas**, suite para piano escrita em 1911, Enrique Granados decide dar um passo mais adiante no caminho de uma obra cénica. Parte da mesma música anteriormente escrita para o instrumento solista e, com um libreto de Fernando Periquet y Zuaznabar, escreve em 1915 uma ópera magnífica em três quadros, também ela intitulada **Goyescas**, como a obra para piano que lhe deu origem.

Abordaremos hoje **Goyescas**, de Enrique Granados: ópera em três quadros com estreia prevista na Ópera de Paris, e finalmente, devido às hostilidades da Primeira Guerra Mundial, estreada em Nova Iorque, em Janeiro de 1916, tendo sido a primeira ópera ali representada em língua castelhana.

Através da ópera de Granados – como da belíssima suite para piano que, 4 anos antes, deu origem à ideia e à matéria musical originais (ou a uma parte delas) – vemos sucederem-se seis telas do período inicial da produção de Goya. É a partir dessas seis telas que Granados e o seu libretista tecem a narrativa amorosa e trágica entre um rapaz e uma rapariga das classes populares e boémias madrilenas, *los majos enamorados*, em contraste com um outro casal de classes sociais mais privilegiadas.

Aqui, vemos desfilar uma parte da cultura popular espanhola, das suas personagens-modelo, da sua sociedade, das suas sonoridades características que, embora estilizadas, fundam o próprio tecido musical da obra.

Começemos por uma visão mais alargada da história, observando a progressiva entrada da Espanha no imaginário estético europeu.

Vale a pena observar que, como tema ou pano de fundo, a Espanha surge no mundo da ópera desde o período barroco – veja-se por exemplo, **Almira**, a primeira das óperas de Händel, levada à cena em Hamburgo, em 1705, e que conta a história de uma certa soberana do reino de Castela. Dois

anos mais tarde, em 1707, na primeira das suas óperas escritas para Itália, Händel propõe **Rodrigo**, cujo libreto será por sua vez centrado na figura histórica do último rei Visogodo da Hispânia (*Roderic*).

Mas Händel está longe de ser o primeiro compositor a focar a acção operática em Espanha ou em figuras ibéricas. Meio século antes, na Itália do terceiro quartel do XVII (a época dos sucessores de Monteverdi), veremos por exemplo Francesco Cavalli celebrar a captura de Barcelona na sua ópera **Veremonda, a amazona de Aragão**, de 1652.

Um século mais tarde, na França de Voltaire e Rameau, veremos reemergir os temas hispânicos no imaginário centro-europeu, com a **Princesa de Navarra** (*comédie-ballet*) seguida pelas **Festas de Ramiro**, levada à cena em Versalhes, em Dezembro de 1745 – com música de Rameau a partir de um libreto de Voltaire, numa partitura revista e readaptada – imagine-se – por Jean-Jacques Rousseau, que na época, com trinta e poucos anos, procurava estabelecer-se como músico junto da corte francesa.

E eis então a longínqua Hispânia, no século XVII e primeira metade do XVIII, como palco de mitos antigos e querelas remotas entre reinos, e soberanos, e civilizações – nomeadamente a cristã e a árabe que, justamente, se digladiavam outrora nos territórios ibéricos.